



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: BAIRRO DA Balsa E OS CONFLITOS
SOCIOAMBIENTAIS NA CRIAÇÃO DO CAMPUS PORTO DA UFPe/RS**

Lila Fátima Karpinski¹
Gianpaolo Knoller Adomili²

Resumo: Este artigo trata de uma leitura do modo de vida e das percepções dos moradores do Bairro da Balsa, Pelotas/RS, em um contexto de conflitos socioambientais desencadeados pela criação do novo Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas. Esses conflitos, como os problemas de infraestrutura social e urbana, elucidam-nos acerca das mazelas deixadas pela ausência do poder público local, apontando para uma situação de periferia, envolvendo as condições de vida e territorialidade dos moradores. Diante desse contexto, neste artigo, busca-se uma reflexão sobre como os moradores percebem o seu lugar, conflitos socioambientais e o entendimento sobre educação ambiental. Essas questões estão diretamente ligadas a EA, uma vez que esta trata das relações entre o ser humano e o meio ambiente, permeado pelas relações culturais, políticas e econômicas. Para a realização deste trabalho utilizou-se a etnografia como metodologia de pesquisa.

Palavras-chave: Conflito Socioambiental. Educação Ambiental. Percepção.

Abstract: This article is about the ways of life and perceptions that the residents of Balsa district in Pelotas/RS had developed in the context of environmental and social conflicts that were brought to light when the new campus of Universidade Federal de Pelotas was installed in

¹ Professora de Geografia, Especialista em Geografia do Brasil pela Universidade Federal de Pelotas e Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. lfkarpinski@ibest.com.br.

² Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor no curso de Arqueologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade de Rio Grande (Furg). Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras Tradicionais (Neco). E-mail: giansatolep@gmail.com.

their territory. Those conflicts, such as problems with social and urban infrastructure, show the absence of the local public power during this process and point out the periferic situation of their territoriality. This article aims to reflect on how the residents see their place in this conflicts as well as their understanding about environmental education. These issues are directly connected to Environmental Education, which is focused on the relationship between the human being and the environment through cultural, economic and politics processes. Ethnography was used as the main method to collect data during the research that produced this article.

Key Words: Social and Environmental Conflict. Environmental Education. Perception.

Introdução

A temática desse artigo envolvendo o Bairro da Balsa, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul e a instalação do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas permitiram lembrar um Bairro há muito esquecido pelo poder público local, mas que já teve seus momentos de valorização. Trata-se de um Bairro operário, crucial para o desenvolvimento da cidade de Pelotas, que hoje encontrasse abandonado, apresentando problemas socioambientais e que interferem nas condições de vida dos seus moradores.

Conforme Marcos Reigota (2006), a Educação Ambiental é uma forma de buscar novas maneiras de pensar e agir, individualmente e coletivamente, frente aos modelos de produção de bens e suprimentos que garantem a sobrevivência da vida humana. Esse novo pensar significa alterar ou reavaliar os valores que permeiam os caminhos da produção capitalista e, nisso, a educação tem um importante papel de sensibilização.

No Bairro da Balsa é perceptível essa falta de cuidado com o ambiente. Ali, estão as mazelas da administração pública, a falta de projetos de urbanização, energia, saneamento básico, transporte, educação, saúde, cultura e preservação da natureza. O que se vê são as consequências do descuido socioeconômico e socioambiental da modernidade. Contudo, existem grupos organizados, associações de Bairro, liderança comunitária, que buscam valorizar seu território, querem o direito de ter, no seu lugar, uma infraestrutura concreta de urbanidade.

Esses problemas da modernidade, vividos pelo Bairro, podem ser

modificados, ou pelo menos surgiu uma oportunidade para tanto, principalmente quando da compra do antigo Frigorífico Anglo, pela Fundação Simon Bolívar em 2005, que cedeu alguns prédios para a construção do Campus Porto pela Universidade Federal de Pelotas. Com esse fato, quais as forças que poderão servir de aliado na busca por melhores condições de vida no Bairro.

Percebendo esse novo momento daquela região, buscou-se compreender como os moradores do Bairro da Balsa percebem seu Bairro, nesse contexto. Assim, algumas questões foram colocadas como ponto de partida para esta investigação: a instalação da universidade possibilitará ou não mudanças na estrutura e no modo de vida desses moradores? Os conflitos socioambientais serão abrandados/solucionados ou serão intensificados/explicitados? Quais são os interesses e expectativas que estão em jogo entre os moradores do Bairro, a prefeitura e a reitoria?

Fazendo uso do método etnográfico, os primeiros contatos se deram a partir da observação, fonte primeira de percepção e diagnóstico dos fenômenos e daquilo que acontece a nossa volta. Foi assim que ocorreram os contatos iniciais com os moradores do Bairro da Balsa.

Partindo das observações de campo, da coleta de informações, através da aplicabilidade sistemática das técnicas de pesquisa etnográfica (diário de campo, realização de entrevistas e pesquisa com imagens), mais as reflexões antropológicas e o suporte dos referenciais teóricos, este artigo propõe realizar uma leitura da vida social dos habitantes do Bairro da Balsa, com enfoque em sua territorialidade, envolvendo os movimentos de constituição, crescimento, consequências e riscos que envolvem o Bairro da Balsa no município de Pelotas/RS.

Juntamente com o contato direto com os moradores, acompanhando seu cotidiano e trabalhando com suas narrativas sobre o Bairro e a questão ambiental, outros atores sociais foram envolvidos nesta análise: membros da prefeitura e da UFPel envolvidos no processo de revitalização do Bairro. Embora o foco principal seja sobre os moradores do Bairro da Balsa, seria necessário envolver esses outros olhares sobre o Bairro, aproximando-me da proposta de Little (2006) para lidar com as diferentes visões envolvidas

nos conflitos socioambientais na área do Bairro e seu entorno.

A etnografia dos conflitos socioambientais explica as bases conflitais e dá visibilidade aos grupos marginalizados pelas políticas públicas governamentais (Little, 2006). Como os estudos antropológicos trabalham diretamente com muitos desses grupos, essa metodologia favorece a análise das tensões ali presentes.

Nesse contexto de conflitos, segundo Paul Little, 2006, torna-se importante a identificação e a análise dos principais atores sociais envolvidos, bem como explicitar os interesses específicos desse jogo. Procurando entender o conflito em sua totalidade, o pesquisador deve realizar um levantamento das intenções e posições de cada ator social envolvido, além de mapear as distintas cotas de poder de cada grupo.

Sendo assim, a etnografia dos conflitos socioambientais torna-se uma ferramenta apropriada para analisar a realidade e as tensões que envolvem os sujeitos da comunidade da Balsa, a Universidade Federal de Pelotas através de seu Programa Vizinhança e a Prefeitura Municipal de Pelotas.

Localização do Bairro da Balsa

O município de Pelotas (fig.1) está localizado no Estado do Rio Grande do Sul na sua porção meridional, a 280 km da capital Porto Alegre. Encontra-se numa área com altitude média de 7m em relação ao nível do mar. Sua posição geográfica está entre os meridianos 31º 45' 43", de latitude Sul e 52º 21' 00", de longitude Oeste. Está situada na encosta do Sudeste, às margens do Canal São Gonçalo, que liga a Laguna dos Patos à Lagoa Mirim, na Planície Costeira. Ocupa uma área de 1.609 km². Seus distritos estão situados na zona alta, Serra dos Tapes. A zona urbana fica na zona baixa, constituídas de várzeas e áreas alagadiças, planície.



Figura 1 – Mapa de localização da Cidade de Pelotas. Fonte: Imagens pesquisadas no *Google*.

Na zona portuária do município, à margem do Canal São Gonçalo, está localizada a área abordada. Mais especificamente (fig.2) a localização do Bairro da Balsa e o Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas.



Figura 2 – Campus UFPel e da Bairro da Balsa. Fonte: Imagem recordada do *Google Earth*

Os moradores

No trabalho etnográfico estabelecer relações com os moradores é de fundamental importância. Essa aproximação aconteceu através de conversas informais e com perguntas direcionadas a respeito do tema da pesquisa. Dessa interação surgiram os personagens que compartilharam suas histórias de vida nessa pesquisa.

Através das narrativas dos moradores foi possível voltar ao

passado e descobrir um pouco do surgimento do Bairro. Como por exemplo, nas palavras de João Paulo, um dos entrevistados:

Era um lugar de banhados, sem nada na volta. E foi aqui que meu pai construiu uma pequena casa, com autorização do DAER, sendo considerado um dos primeiros moradores. (JP)

Na época do frigorífico se via muito gado chegando. Ali perto do bar do seu Reni ficavam as baias, que eram muito limpas, e dali o gado ia direto pro abate. (JP)

Outro entrevistado foi o senhor Reni, que é morador da Balsa há mais de 55 anos, na Rua Pedro Osório de Brito, que leva o mesmo nome de seu pai. Assim como muitos, seu Reni também trabalhou no Frigorífico Anglo, vivenciando o crescimento econômico da fábrica e o aumento das casas e ruas do Bairro. Lembra que, quando era criança, o lugar era vazio, com poucas habitações e algumas travessas. Também percebeu a chegada de várias pessoas, vindas das mais diversas regiões, para trabalhar no frigorífico e nas outras fábricas e que, essas mesmas pessoas, procuravam um espaço no Bairro para construir suas vidas.

João Paulo e Reni lembram a época que existia uma cerca separando o terreno do frigorífico e do Bairro, mas que isso não impedia as pessoas de circularem, pois era por ali que os moradores cruzavam para chegar até o centro da cidade.

Já Seu José ou Leão como é conhecido, um senhor muito simpático e conversador, é um pescador que mora há mais de 40 anos no Bairro e que construiu sua residência ao lado do trapiche, na frente da pracinha, onde criou seus filhos e vive com sua esposa. Ele não trabalhou no frigorífico, mas por muitos anos foi funcionário do DEPREC, realizando a dragagem do canal possibilitando a chegada de navios maiores até o porto, acompanhando o crescimento da cidade.

Lúcio, filho de funcionários do Frigorífico Anglo, conta que muitas pessoas chegavam para trabalhar no frigorífico. Na época de corte, a fábrica empregava até 4000 funcionários. Lembra ouvir seus pais comentarem que o pagamento nunca atrasava, mas também recorda que jamais interferiram no

desenvolvimento de infraestrutura do Bairro. As pessoas que vinham morar aqui tinham que construir suas casas, fazer instalações de luz e água sem qualquer ajuda da prefeitura, que não fazia nenhum investimento, apesar de ser um lugar de prosperidade econômica.

João Paulo lembra que a Balsa deveria ser muito valorizada, pois o trapiche que ali existe, foi a porta de entrada, era por onde chegavam as mercadorias e produtos para a cidade e interior do estado, uma vez que não existia a ponte entre Rio Grande e Pelotas. Por ali também chegavam as barcas com pessoas e carros para irem ao centro. Hoje ninguém mais liga para esse fato, o Bairro está largado, vivenciando todas as mazelas da falta de infraestrutura urbana e social.

O Frigorífico Anglo e a Universidade Federal de Pelotas

O Frigorífico Anglo pertenceu ao Grupo Inglês Vestey Brothers que iniciou efetivamente suas atividades em 1943 e as encerrou nos anos 1990. Antes de ser comprado pelo Grupo, o frigorífico pertencia aos pecuaristas locais, apoiados pelo governo do Estado.

O Anglo possuía grande relevância para o município de Pelotas, uma vez que além de beneficiar a carne, também industrializava doces em calda, absorvendo a produção dos produtores locais, de pêssego, morango, pepino, ervilha entre outros. Foi justamente neste período o maior crescimento do Bairro da Balsa, pois muitos migravam para trabalhar no frigorífico, e devido à facilidade em estar próximo do trabalho, construíram suas residências no terreno ao lado.

Ao encerrar suas atividades, devido à diminuição da demanda de gado, o Frigorífico causou um alto índice de desemprego no município. As consequências do fechamento do Frigorífico Anglo foram sentidas em todo o município, mas o Bairro da Balsa foi quem mais sofreu as maiores perdas, pois a grande parte dos moradores dependia do emprego no frigorífico.

Desde os anos 1990 o prédio do Frigorífico ficou abandonado e se deteriorando. Mas em 2005 a Fundação Simon Bolívar, ligada à Universidade Federal de Pelotas, propõe a compra do Anglo. Esse prédio foi o

local escolhido para a instalação do novo Campus da Universidade Federal de Pelotas. A escolha foi determinada intenção de estar com o Centro Administrativo da Universidade na cidade de Pelotas e não mais no município de Capão do Leão. Outro fator foi a necessidade de se ampliar os espaços de ensino e pesquisa diante das demandas do Programa REUNI - Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – do Governo Federal, que pretende ampliar o acesso e a permanência na educação superior, segundo informações do Coordenador Adjunto do Programa REUNI, Milton Luis Rodrigues Bresque.

O Reitor Cesar Borges justifica a compra, listando alguns benefícios, entre eles, a criação de um complexo universitário, a proximidade com o centro da cidade, a melhoria do problema com o transporte até o atual campus Capão do Leão e por já estarem instalados na região do porto o Instituto de Ciências Humanas, Letras e Arte, Sociologia e Política, Educação e Arquitetura e ainda que, além da universidade, a cidade também seria beneficiada, porque toda aquela zona se desenvolveria (Diário Popular, 08/05/2005).

A intenção de compra foi encaminhada ainda no ano de 2005 para o MEC. A liberação para a aquisição do Anglo foi anunciada no mês de maio do mesmo ano, pelo reitor Cesar Borges. Para isso o MEC liberou R\$ 700 mil para a compra de 40 mil metros quadrados do frigorífico (Diário Popular, 14/05/2005).

Conflitos socioambientais

A pesquisa etnográfica, como campo de saber antropológico, permite a observação e a percepção dos conflitos socioambientais vividos em diferentes grupos sociais. Os conflitos socioambientais estão ligados, segundo Acselrad (2004), à necessidade de controle material de um recurso, nesse caso, o território. Por isso, identificar o pensamento do grupo social é fundamental para encontrar resoluções para implementação de um planejamento que contemple as diversas necessidades do lugar.

Os conflitos socioambientais, embasados na teoria do pesquisador Henri Acselrad (2006), leva-nos a pensar a “reprodução durável

das dimensões espaciais da desigualdade social nas cidades” (p.17). Refletir sobre os riscos que envolvem um grupo social permite elencar os fenômenos que promovem e/ou ampliam estes riscos.

Um grupo de risco ou uma sociedade de risco ambiental, global ou local, envolve uma complexidade de olhares por parte dos diversos atores sociais. Pode-se pensar como risco ambiental as questões ligadas à saúde, à educação, às políticas públicas, à infraestrutura, à poluição e ao emprego.

No Bairro da Balsa estão presentes esses e outros riscos ambientais. A invisibilidade das necessidades do Bairro pelo poder público é visível. Observa-se a “desigual apropriação dos benefícios urbanos, sublinhando a segregação residencial e as desigualdades de condições da vida entre os territórios das cidades” (Acsehrad, 2006). Essas populações desfavorecidas, que vivem à margem do território central, sobrevivem à superposição dos males econômicos e ambientais. Visto que na maioria são trabalhadores e desempregados que vivem nas áreas negativas, sob o ponto de vista da saúde humana, pois diferentemente de outro segmento da sociedade, não podem comprar, com sua riqueza, moradia em áreas ambientalmente segura.

A poluição dos lugares das classes populares, seja por esgotos a céu aberto ou canais e galerias que levam esgotos diretamente para os rios, comprometem a saúde dessas populações, uma vez que, no caso da Balsa, muitos moradores são pescadores e vivem da pesca nas águas do Canal São Gonçalo. Além da poluição da água, corre-se o risco da poluição do solo, do ar e da manifestação de insetos.

Essas mazelas podem ser certificadas nas palavras dos moradores:

“A situação da rua, a qual moro, que é uma das mais antigas e está sem pavimentação, mesmo contendo repartições da prefeitura como a apreensão de animais, a Coordenadoria Geral do Porto e também o fim da linha dos ônibus da Santa Rosa.” (Lúcio, 25/11/2011)

“O problema do CEP é outra questão, pois não sabemos exatamente a que Bairro pertencemos, à Balsa ou ao Porto. Na conta de luz vem um CEP e um Bairro diferentes, na do

telefone outra informação diferente.” (Lúcio, 25/11/2011)

“Em alguns endereços aqui da Balsa, se pode encontrar Bairros diferentes para ruas paralelas. Isso significa perda da identidade local.” (Dona Iolanda, 07/11/2011)

O resto do Bairro continua igual, só veio chegando mais gente, mais gente. Continuamos sem esgoto, sem pavimentação, sem meio fio, com a lixeira dos catadores que não tem um local adequado para este serviço. A segurança é nula. (João Paulo, 25/11/2011)

Para estes conflitos João Paulo, presidente da associação de moradores, diz que muito já foi feito para reivindicar soluções. A comunidade sempre está brigando por melhores condições de infraestrutura, seja mandando ofício, fazendo manifestação, marcando reuniões ou indo conversar com os secretários, mas nada muda, continua um caos.

Além desses conflitos socioambientais, existe a questão da instalação do novo Campus da Universidade ao lado do Bairro, pois este traz uma nova forma de territorialidade ao lugar. O primeiro embate deste conflito foi a questão da construção de um muro, separando os territórios: o Campus e o Bairro. Essa obstrução causou revolta na população, pois passou a impedir o trânsito de pessoas e veículos para o centro da cidade. Outra questão que se pode citar é a ocupação das áreas livres – campos de futebol – pelos entulhos da demolição dos prédios.

Quanto à questão do muro, seu Reni comenta que na época do frigorífico existia uma cerca delimitando os terrenos, mas uma abertura, um portão permitia o tráfego de pessoas. Por ali se podia chegar ao centro da cidade ou as demais fábricas instaladas da zona do porto. Entretanto, com o passar do tempo e o esquecimento do frigorífico, essa travessia tornou-se uma via de fluxo intenso, acostumando os moradores a essa liberdade, sem cercas ou muros. Essa declaração nos leva à interpretação de que a construção do muro e a interrupção do trajeto geraram um conflito socioambiental, pertinente à população, uma vez que não quer ficar ainda mais isolada do centro urbano.

Esse novo fenômeno altera o modo de vida dos moradores,

principalmente com o aumento do fluxo de veículos e pessoas. Esse fato, mencionado pelas mães, reunidas na escola no dia 11 de novembro de 2011, revela a preocupação com a segurança das crianças, pois a tranquilidade das ruas foi substituída por carros transitando o tempo todo em direção à universidade, além da inexistência de faixas de segurança. Essas mães reclamam que suas crianças não podem mais brincar na rua, perderam a liberdade que tinham.

Outro problema revelado pelas mulheres, devido ao fluxo de veículos, está ligado à poeira das ruas não calçadas, pois isso está trazendo problemas respiratórios para os familiares, além de empoeirar a casa e penetrar nas roupas recém lavadas e estendidas nos varais.

Dona Iolanda, moradora há mais de trinta anos, aponta outro conflito, revelando que nos documentos da prefeitura, a Rua Paulo Guilayin consta como calçada, mas que na verdade, a olhos vistos, a quem quer que seja, está ali, permanece de terra. Nesse sentido, outra mulher comentou que alguns moradores se sentem constrangidos ao ir para o centro em dias de chuva, pois seus pés estão embarrados e que todos os identificam como moradores da Balsa.

Além desses, existe o conflito socioambiental relacionado ao transporte público, que já era ruim e agora ficou ainda pior. Segundo os moradores que pensaram que iria melhorar esse serviço com a chegada da universidade, acabaram por destacar que essa situação não mudou e sim piorou, pois os ônibus estão sempre lotados de estudantes, que também não tem culpa alguma, pois necessitam do ônibus para vir estudar, deixando os moradores espremidos e nos finais de semana, para completar a situação, os horários dos ônibus ficam reduzidos, mantendo-se a dificuldade de transporte.

Para além desses conflitos socioambientais relacionados às políticas públicas, economia, territorialidades, ainda percebe-se os conflitos de lazer. O Bairro da Balsa é desprovido de áreas públicas comuns, favoráveis ao convívio social. Não se vê praças ou parques públicos, o que existe é uma pequena praça, junto ao trapiche, criada e mantida pela associação do Bairro e uma outra possível praça, na rua principal.

Referindo-nos às relações sociais e ao meio ambiente, temos o

pensamento da Educação Ambiental que vem colaborar nessa discussão dos conflitos socioambientais. A Educação Ambiental é uma ciência que resgata o pertencimento do homem à natureza, a valorização do sujeito em relação ao seu igual e ao meio em que vive.

A Educação Ambiental neste contexto

A Educação Ambiental busca criar um novo paradigma para a sociedade, uma vez que esta vive a racionalidade da modernidade. Essa mudança de paradigma direciona-se para uma racionalidade ambiental, ou seja, buscar novas formas de entender as relações socioambientais.

Segundo Leff, essa nova racionalidade precisa gerar uma nova ética. Para Leff a racionalidade ambiental

“se funda numa nova ética, que se manifesta em comportamentos humanos em harmonia com a natureza; em princípios de uma vida democrática e em valores culturais que dão sentido à existência humana. Estes se traduzem num conjunto de práticas sociais que transformam as estruturas do poder associadas à ordem econômica estabelecida, mobilizando um potencial ambiental para a construção de uma racionalidade social alternativa”. (LEFF, 2001, p. 85)

As transformações nos comportamentos humanos devem ser na ordem econômica, política e cultural e nesse sentido a Educação Ambiental se comporta como um elemento chave na sensibilização cidadã. Para Leff (2001) essa educação deve manter um diálogo com os saberes e romper com a obsessão de construir um mundo unitário, generalizado, com um único pensamento. É preciso conviver com a política da diferença nos diversos grupos sociais.

Carvalho (2001) também diz que a educação ambiental está ligada com as relações culturais e políticas produzidas nos/pelos grupos sociais. Por isso, a educação ambiental deve se apoiar no conceito de ambiente como sendo uma realidade passível de diversas leituras.

Como o ambiente permite essa diversidade de leituras, foco meu olhar para uma realidade vivenciada no *lócus*. A partir do conceito de lugar, que segundo Milton Santos (2006) é a porção do espaço apropriável para a vida,

que é vivido, reconhecido e cria identidade, que guarda em si a dimensão da vida, com o tempo passado e presente; é nele que ocorrem as relações de consenso, conflito, cominação e resistência e a recuperação da vida. O lugar é o espaço com o qual os indivíduos se identificam mais diretamente; com isso, se pode dizer que o Bairro da Balsa está, no momento atual, num processo dinâmico de conflitos socioambientais.

Esses conflitos estão expressos nas reivindicações que os moradores fazem junto aos órgãos públicos municipais, bem como na preocupação com a chegada da universidade, que até o presente momento, vem incluindo projetos de auxílio aos moradores.

Esses conflitos socioambientais, segundo Acselrad (2004), se estabelecem devido à necessidade de controle material de um recurso, nesse caso, o território. Por isso, identificar o pensamento de cada grupo social será fundamental para encontrar resoluções para implementação de um planejamento que contemple as diversas necessidades do lugar.

Considerando essa direção, a Educação Ambiental apresenta-se como uma prática de aprendizado, que consiste em aperfeiçoar habilidades no ato perceptivo dos elementos constituintes do mundo, procurando incorporar nos sujeitos a capacidade de captar sinais e signos que movimentam e determinam um território (Carvalho & Steil, 2009).

Junto a esses processos de intervenções antrópicas no meio ambiente, surge a preocupação com a sustentabilidade dos sujeitos envolvidos e o próprio território físico, enquanto ecossistema. Nesse sentido, falar de sustentabilidade é fundamental, pois é a garantia de manutenção dos sujeitos e do espaço natural local.

Leff (2007) coloca o desenvolvimento sustentável como não homogêneo. Ele é conflitivo devido às visões e aos interesses diferenciados. Suas propostas vêm com o neoliberalismo ambiental, a construção de uma nova racionalidade produtiva, a visão economicista de um mercado livre, além das propostas tecnológicas de reciclagem e da tecnologia limpa, recodificando a vida e a cultura.

Como o tema central desse estudo é a percepção, utiliza-se o entendimento do autor Merleau-Ponty (1999) quando diz que a percepção não

é somente uma leitura do concreto e do sensível. Ela possui um caráter de fluidez, por isso a diferença na percepção entre o mundo vivido e o da representação. Essa diferença não significa a negação da ciência, mas possibilita uma crítica; nesse sentido Merleau-Ponty afirma:

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 6).

No contexto do Bairro o conceito de percepção colabora quando permite uma reflexão e análise das ações do cotidiano, pois ela envolve a vida social, ou seja, os significados e os valores das coisas que decorrem das relações sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais.

Considerações Finais

As percepções apresentadas pelos moradores do Bairro da Balsa possibilitaram realizar uma cartografia do lugar. Esta cartografia permitiu conhecer a história e as coisas que ali acontecem: o tipo de relações que existem entre os moradores, as relações de poder, os discursos que são válidos, bem como para propor estratégias de melhoria das condições de vida, de infraestrutura, de saúde, de educação, de sociabilização e de economia.

Juntamente com as percepções, as narrativas dos moradores foram fundamentais para identificar os conflitos socioambientais vivenciados por eles. Apesar das dificuldades anteriores não terem perspectivas de serem resolvidas, com a chegada da Universidade, surgem alguns novos problemas. Com isso fica evidente que há uma necessidade urgente de melhoras na infraestrutura do Bairro, que o poder público precisa agir e que os moradores

também se mantenham firmes em suas reivindicações.

Entretanto, mesmo elencando problemas maiores com a instalação da Universidade, percebem que podem ter na UFPel uma aliada na busca por melhores condições, uma vez que já contam com programas de extensão da Universidade. Atualmente os programas da UFPel, junto ao Bairro, buscam detectar problemas sociais, socioambientais, territoriais, econômicos, políticos e outros visando uma melhor qualidade de vida para as sociedades. No auxílio desses programas vêm as técnicas de análise de dados, que ajudam a sistematizar esses dados, permitindo a elaboração de projetos específicos para cada problema ou para cada lugar.

Os projetos levados aos moradores, através do Programa Vizinhança, são de caráter assistencialista, uma vez que procuram amenizar as mazelas deixadas pelo poder público. Um exemplo é o atendimento odontológico realizado no ambulatório da faculdade, através de agendamentos nas escolas, o qual demonstra a deficiência no atendimento de caráter público da saúde. Outro exemplo está nas questões de acesso à inclusão digital, que é realizada pelos alunos do curso de informática, junto às escolas ou trazendo os alunos para o laboratório de informática na universidade.

O que se percebe nesse caráter assistencialista da Universidade é o envolvimento do governo municipal, que vem na carona desses programas, deixando de assumir seu papel de provedor e mantenedor de políticas sociais e estruturais. No caráter assistencialista não há projetos de modificação da estrutura urbana nem social, uma vez que essa condição não cria uma nova infraestrutura, ela ameniza por um dado tempo, mas não soluciona problemas nem os conflitos socioambientais.

O contexto deste trabalho aponta que os moradores têm expectativas de melhorias nas condições de vida socioambiental a partir da criação do novo Campus. Entretanto, não depende somente deles, nem dos programas assistencialistas da universidade, mas sim de ações comprometidas e de políticas públicas que realmente atendam as necessidades socioambientais dos Bairros e da Cidade enquanto comunidade.

Determinar se a chegada da Universidade é positiva ou negativa depende da posição de cada sujeito da comunidade e de sua posição na

organização social do Bairro – dona de casa, comerciante, operários do comércio central, profissionais liberais (faxineira, eletricista, pedreiro, encanador) e pescadores. Os moradores do Bairro da Balsa têm, neste lugar, suas marcas e memórias. Contudo, percebem que sua condição de vida poderia ser muito melhor, se houvesse interesse público em ampliar a estrutura urbana do Bairro, uma vez que não querem estar em outro lugar.

Colocando esses acontecimentos na perspectiva da Educação Ambiental é fundamental levar em consideração o entendimento que os moradores têm desse termo. Para os moradores a EA é visto como um processo de recolhimento e separação de lixo, economizar água, luz e reciclar, e que deve ser tratado e discutido na escola.

Não percebem que a Educação Ambiental vai além desses processos, que ela também diz respeito às questões de saúde (mental e física), da alimentação, dos recursos naturais, da fome, da miséria, dos desmatamentos, das monoculturas, das relações de poder entre outras. A Educação Ambiental precisa ser percebida e entendida em sua amplitude para possibilitar o equilíbrio entre as espécies e seu habitat. Além disso, a EA deve levar em conta a dialogicidade e a singularidade dos arranjos culturais locais.

Nesse sentido, vejo a necessidade de um trabalho em Educação Ambiental capaz de diluir e/ou equalizar o caráter assistencialista dos programas, visando à construção de sujeitos ambientais e de territórios socioambientais em equilíbrio. A EA enquanto ação prática permite um estudo e uma orientação capaz de promover atitudes que auxiliem os sujeitos na manutenção e melhoria do seu modo de vida.

A Educação Ambiental deveria estar permeando os programas de extensão em toda sua dimensão, uma vez que a EA, segundo Guattari (1990) é o equilíbrio entre o social, o mental e o físico, o que possibilita um olhar sobre os sujeitos, o seu lugar e a qualidade de vida que está presente no habitat. Contudo, é preciso que haja desprendimento e ressignificação das relações sociais, políticas, econômicas e culturais capazes de promover uma renovação e uma prática que possibilite uma arquitetura urbana e social, voltadas para melhorar a qualidade e o modo de vida dos moradores do Bairro da Balsa.

A Educação Ambiental como um novo paradigma social, propõe

uma racionalidade, baseada na ética, ou seja, uma manifestação equilibrada entre seres humanos e natureza e na valoração democrática das culturas que dão sentido à existência da vida. A EA, enquanto um conjunto de práticas sociais tem a possibilidade de transformar as relações de poder, sejam elas econômicas e/ou políticas.

Referências Bibliografia

ACSERALD, H. (org) *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

BRANDÃO, C.R. *Somos as águas puras*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

CARVALHO, I.C.M. *A Invenção Ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2001.

CARVALHO, I.C.M. & STEIL, C.A. *O Habitus Ecológico e a Educação da Percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental*. Revista Educação & Realidade, Set/Nov, p. 81-94, 2009.

DIÁRIO POPULAR. *Protesto contra a construção de um muro na região da Balsa*. Diário Popular, Pelotas, 28 de novembro de 2009.

DURHAM, E.R. (Org.). *Bronislaw Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986.

ECKERT, C. & ROCHA, A.L.C da. "Etnografia: saberes e práticas". In: Célia Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.) *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. 4 ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade*,

Poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LITTLE, P.E. “Ecologia Política como Etnografia: um guia teórico e metodológico.” In: Cornélia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Isabel Cristina de Moura Carvalho. (Org.) *Horizontes Antropológicos: Antropologia e Meio Ambiente*. Porto Alegre, ano 12, n. 25 jan/jun de 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos A. R. Moura. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REIGOTA, M. *Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Fundação Simon Bolívar

<http://www.fundacaosimonbolivar.org.br/projetos.php>, pesquisado em 24/08/2010.

Prefeitura Municipal de Pelotas – III Plano Diretor de Pelotas.

http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/mapas.htm

Mapa do Município de Pelotas.

<http://viagem.uol.com.br/guia/cidade/pelotas.jhtm>